

# Resenhas

## *ecco!* anarquia e movimento

MARIA CECÍLIA OLIVEIRA

“A” rivista anarchica. *Ebi! Sono Passati quarant’anni*. Ano 40, número 358, edição especial, Milão, dezembro 2010/janeiro 2011, 257 pp.

Mover-se não é para qualquer um. Todos os dias, as pessoas se deslocam de um lugar para o outro, mas será que realmente elas conseguem percorrer os espaços, ou em suas andanças permanecem levados?

É preciso distender músculos, abrir poros e narinas para conseguir aguçar diferentes maneiras de mover-se, frente insistentes trajetos, compromissos, convocações e capturas que deixam a rotina limitar não apenas o corpo, mas o próprio pensamento. Imóvel no fluxo ligeiro dos dias, frente a comodismos que assentam ideias, acomoda-se a poeira entre os sossegados.

Mesmo assim, existem muitos espaços por aí, habitados por gente, ossos, músculos e sangue, que entornam labaredas de muito fogo e fazem de sua atribulada circulação o movimento vigoroso que atija escritos, discussões, amizades, outras formas de mover a existência no

*Maria Cecília Oliveira é pesquisadora no Nu-Sol e doutoranda em Ciências Sociais na PUC-SP.*

mundo dos interessados em experimentar a vida livre de soberanos.

“*A*” *Rivista Anarchica*, uma publicação italiana criada na década de 1970, propõe há 40 anos “um espaço livre para confrontar com olhar libertário” (p. 7) os temas que povoam nossa existência, bem como apresentar a vida enquanto experiência ativa e crítica diante das práticas que reiteram a autoridade como fronteira de cada um. É o que apresenta sua divertida e instigante edição de comemoração, repleta de histórias e principalmente interessada no anarquismo como prática no presente, entre imagens, artigos dedicados ao anarquismo de hoje, escritos que emanam a sociabilidade de quem fez e faz a revista, a história do anarquismo na Itália e no planeta, além de uma coleção irreverente com todas as capas dos números publicados.

A revista surgiu frente à inquietude de um grupo de jovens, em sua maioria, participantes do GAF, *Gruppi Anarchici Federati* (Grupos Anarquistas Federados), em um momento político singular, conhecido como anos de chumbo; também foi reflexo da necessidade de rever as práticas anarquistas trazendo na escrita um meio aberto de “confronto cotidiano entre e com as pessoas” (p. 28). De fato, a produção literária e intelectual é prática cara aos movimentos anarquistas, que fazem de jornais, boletins, revistas e de todo meio de circulação da informação, ação direta e crítica aos meios autoritários, na cadência inesgotável de experimentações. Muitas publicações fizeram a história do anarquismo na Itália de muitas gerações, como a *Umanità Nuova*, que circula desde 1920 e foi de grande influência nas publicações da década de 1970 como *Il Manifesto*, *Fronte Unito*, *Re Nudo* e a própria “*A*” *Rivista Anarchica*.

Segundo Paolo Finzi, o mais jovem dos fundadores de “A” na época, a forte retomada das publicações anarquistas entre o final dos anos 1960 e a década de 1970, irrompeu diante da necessidade de contrapor-se ao Estado policial italiano e do autoritarismo que tocava rente naquele momento, para fortalecer ações de grupos anarquistas para um combate contemporâneo. Um dos acontecimentos que provocou este estrondo foi o movimento estudantil de maio de 1968, que rompeu corajosamente com os tantos governos cotidianos, refletidos no Estado, na família e nos partidos. A força de 68 foi tão grande, também na Itália, que levou a uma reação conservadora imediata que agilizou a repressão com mão de ferro contra qualquer grupo ou ideia considerada ameaça de subversão.

Muitos destes estudantes participaram dos movimentos operários, principalmente na cidade industrial de Milão, entre manifestações, piquetes e ocupações de fábricas que tomaram a Itália em 1969, ainda como desdobramento de maio de 1968. Assim, jovens e muitos operários, entre eles vários anarquistas, enfrentavam o que ficou conhecido como *estratégia da tensão*. Tratava-se da ação de grupos neofascistas, ligados ao Estado, que procuravam desencadear a perseguição aos grupos de esquerda, pela disseminação de atentados a bomba em espaços públicos, como forma de culpabilizar e exterminar as resistências e qualquer movimento opositor ao governo.

O atentado mais conhecido por sua brutalidade, e que diretamente impulsionou o fortalecimento dos grupos anarquistas em Milão, foi a ação terrorista realizada pelo grupo de direita *Ordine Nuovo*, em 12 de dezembro de 1969, com a explosão de uma bomba na sede do Banco

Nacional de Agricultura, localizado na *Piazza Fontana*, onde mais de 85 pessoas foram feridas e 15 mortas. Em seguida, o anarquista e ferroviário Giuseppe Pinelli, militante do círculo anárquico *Ponte Ghisolfi*, figura presente na história do anarquismo milanês por sua intensa participação em grupos como *Brigate Bruzzi Malatesta* e apoio à revista *Mondo Beat*, dentre tantas outras atividades, foi perseguido e preso para interrogatório como suspeito do atentado da *Piazza Fontana*. Após três dias confinado, sob o pretexto policial de procedimento investigatório, Pinelli morreu depois de misteriosamente “cair” da janela da delegacia.

Reverbera aí o furor que tomou muitos anarquistas daquele período, organizados de norte a sul por grupos como a Federação Anárquica Italiana (FAI), os Grupos de Iniciativas Anárquicas (GIA), a GAF, entre outras, encadeando em âmbito nacional ferrenha produção de informação *não oficial*, diante da manipulação do governo e da imprensa das ações fascistas que manejavam o terrorismo de Estado. Foi neste contexto, conta um dos então fundadores de “*A*”, Amadeo Bertolo, que um pequeno editor romano propôs a alguns jovens anarquistas milaneses “dar vida a uma nova publicação anárquica” (p. 25) por meio de um colaborador chamado Guido Montana.

Em poucos meses, o colaborador desistiu da empreitada diante da audácia daqueles jovens em propor novas experiências libertárias que colocassem o anarquismo longe das ideias de revolução e mais próximo de uma prática voraz e cotidiana. Tal prática refletiu-se em uma escrita-combate que pudesse ventilar as informações oficiais, mas também o próprio anarquismo e suas formas já experimentadas.

O então grupo de jovens estudantes formado por Paolo

Finzi, Amadeo Bertolo, Luciano Lanza, Fausta Bizzozzero, Nico Berti e Roberto Ambrosoli, prosseguiu com o desejo de se inventarem jornalistas, críticos e *designers*, de forma livre e autogestionária. Os poucos recursos eram suficientes para garantir apenas os três primeiros números. No entanto, após a publicação do primeiro foi uma ventania: “*A*” alastrou-se pelas fábricas, universidades, feiras e estações de trem. Seu projeto gráfico e maneira de contestar todos aqueles incômodos que perturbavam não apenas anarquistas, mas qualquer um “com sensibilidade libertária” e interessado em uma vida não fascista, trouxe novos ares tanto para os grupos de esquerda como para as publicações anarquistas.

Sobre o conteúdo da revista, define Paolo Finzi: “Nos primeiros números conviviam de maneira tumultuosa, a exigência de reconstruir a história dos anarquistas (...) leitura de Bakunin e Malatesta (...) a comuna de Paris, Kronstadt, a revolução russa e espanhola, (...) junto a tantas atualidades, [indo] da carta de uma professora primária às questões sindicais” (p. 215). “Estávamos orgulhosamente anarquistas, mas também criticamente anarquistas” (p. 219).

O *design* foi uma das grandes novidades trazidas pela revista, pois com seu bom humor e inventividade abria espaço para que um conteúdo também inovador problematizasse a política e a vida daquele período não apenas entre anarquistas, mesclando poesia e literatura, mas também meios para discussões adensadas e críticas.

Foi com esta nuance especial em pensar e trazer o anarquismo como uma ética que permeia os confrontos, a convivência e os múltiplos percursos possíveis do presente, que visivelmente se comemora nas páginas desta publicação especial o desafio de manter intenso um devir jovem, sempre em trânsito, que revigora os movimentos

de um pensar atento ao passado, mas não como âncora fixa e teórica para aportar, nem preconizar o futuro almejando formatar o que está por vir. Entre fevereiro de 1971 e janeiro de 2011, nestes 40 anos, mais de 2.616 pessoas deixaram em suas páginas aquilo que é caro ao anarquismo, quando escrever torna-se uma prática de resistência.

A prática tão preciosa aos anarquistas de publicar seus textos de forma autogestionária tem na “*A*” um intenso acontecimento que completa quatro décadas. Hoje, em tempos de novos fluxos eletrônicos, será interessante ver como “*A*” se reinventará, na página impressa e na velocidade dos dados e imagens; interessa ver como “*A*” seguirá “aberta à mudança durante o percurso” (p. 29). Enquanto pulsa a vida há movimento, por isso, sempre é possível pensar um novo anarquismo e novas sociabilidades libertárias, formas de estender os espaços em práticas cotidianas, como na publicação de uma revista como “*A*”, para enfrentar os confinamentos, as capturas que limitam e esgarçam o que há de vivo, inquieto e instável.

## ecologia agora

ELIANE KNORR

Murray Bookchin. *Ecologia social e outros ensaios*. Organização e revisão da tradução de Mauro José Cavalcanti. Rio de Janeiro, Achiamé, 2010, 180 pp.

A exploração desenfreada do planeta tornou-se, hoje, pauta obrigatória para empresas, governos, ONGs e re-

*Eliane Knorr é pesquisadora no Nu-Sol e mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP.*